



Onde haja trevas, que eu leve a luz.

São Paulo, SP - Ano 2 N. 2 Janeiro - Março 2012

COLABORADORES
NESTA EDIÇÃO:

YVONNE CAPUANO
PG. 3

MARIA CECÍLIA NACLÉRIO HOMEM
PG. 5, 6, 14

PAULO CINTRA DAMIÃO
PG. 7, 8

ADOLFO LEMES GILIOLI
PG. 8

J.B DE OLIVEIRA
PG. 9, 11

CAROLINA RAMOS
PG. 9, 11

DÉBORA NOVAES DE CASTRO
PG. 10

LÁZARO JOSÉ PIUNTI
PG. 10

JOSÉ VERDASCA DOS SANTOS
PG. 10

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS
PG. 11, 14, 15

ANTONIO LAFAYETTE N. SILVA
PG. 11

CARLOS ROLIM AFFONSO
PG. 12

MARCOS PRADO TROYJO
PG. 12, 13

ROSA MARIA CUSTODIO
PG. 14, 16, 19

JOSE RENATO NALINI
PG. 15

HELIO BEGLIOMINI
PG. 16, 18

FRANCES DE AZEVEDO
PG. 17

PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA
PG. 18

SÃO FRANCISCO DE ASSIS

PATRONO DA ACL

As reuniões mensais, na ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS, iniciam-se com a leitura da ORAÇÃO DA PAZ, de São Francisco de Assis:

“Senhor! fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei com que eu procure mais:

Consolar, que ser consolado;

Compreender, que ser compreendido;

Amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna.”

Assim, em ambiente de fraternidade, os Acadêmicos tratam de assuntos administrativos, trocam ideias sobre temas relevantes da atualidade e definem meios para atingir os objetivos da ACADEMIA, a saber:

CULTIVAR a língua e a literatura nacionais;

ESTUDAR as artes e as ciências em geral;

REALIZAR e divulgar pesquisas em todos os campos de conhecimentos;

INSTITUIR prêmios para os acadêmicos autores de obras de relevância;

PROMOVER eventos e mostras literárias.

Neste ano, em parceria com a Academia Paulista de Letras e com a Universidade Anhembí Morumbi, a ACL promoverá o I CONCURSO DE CRÔNICAS entre estudantes universitários.

Nas páginas internas deste jornal, registramos: Solenidade de posse da nova diretoria e novos acadêmicos, realizada em 30/08/2011; Discursos de posse de Acadêmicos; Prosa e poesia sobre os temas: Bandeira Nacional, Pátria, Espírito Natalino, Ano Novo, Educação, Mulheres, Lançamento de livros de autores da ACL.

Boa leitura!

R.M.C.



A.C.L.

DIRETORIA
(Biênio 2011-2012)

Presidente:

Yvonne Capuano

1º Vice Presidente:

Paulo Nathanael Pereira de Souza

2º Vice Presidente:

Carlos Alberto Di Franco

Secretária Geral:

Frances Azevedo

1º Secretário:

Dr. Sebastião Luiz Amorim

1º Tesoureiro:

Hélio Begliomini

2º Tesoureiro:

Douglas Michalany

Diretor de Patrimônio:

José Renato Nalini

Diretor de Biblioteca:

Carlos Rolim Afonso

Diretora de Publicação e Divulgação:

Rosa Maria Custódio

Conselho Consultivo:

Dom Antonio Maria Mucciolo

Ives Gandra da Silva Martins

Ruy Martins Altenfelder Silva

Conselho Fiscal:

Jose Verdasca dos Santos

Doli de Castro Ferreira

Roberto Machado Carvalho

(academiacristadeletras@yahoo.com.br)

JORNAL



Academia Cristã de Letras

Fundada em 14 de abril de 1967
Declarada de Utilidade Pública Municipal (1974) e Estadual (1976)

ANO 2 N. 2
Janeiro - Março 2012

(Este Jornal é produzido gratuitamente para a Academia Cristã de Letras e conta com o Apoio Cultural dos Acadêmicos: Rosa Maria Custodio (produção) e João Monteiro de Barros Filho (impressão gráfica). As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores.)

EDITORA RESPONSÁVEL
(PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO):
Jorn. Rosa Maria Custodio

REDAÇÃO E CONTATO:
Arthur de Azevedo, 419
05404-010 - São Paulo - SP
rosamaria@carregosa.jor.br
(11) 3569-0185 ou 8499-1177

PRODUÇÃO:
RCMC omunicações

Tiragem: 2.000 exemplares

ACADÊMICOS DA ACL

- Cadeira 01: Patrono MACHADO DE ASSIS
Titular: **Paulo Nathanael Pereira de Souza**
- Cadeira 02: Patronesse FRANCISCA JÚLIA (vaga)
- Cadeira 03: Patrono MARTINS FONTES
Titular: **Antonio Lafayette Natividade Silva**
- Cadeira 04: Patrono DANTE ALIGHIERI
Titular: **Yvonne Capuano**
- Cadeira 05: Patrono VICENTE DE CARVALHO
Titular: **Adolfo Lemes Gilioli**
- Cadeira 06: Patrono CATULO DA PAIXÃO CEARENSE
Titular: **Ruy Martins Altenfelder Silva**
- Cadeira 07: Patrono CASTRO ALVES (vaga)
- Cadeira 08: Patrono PADRE BELCHIOR DE PONTES
Titular: **José Renato Nalini**
- Cadeira 09: Patrono VISCONDE DE CAIRÚ
Titular: **Roberto Machado Carvalho**
- Cadeira 10 – Patronesse MARIE BARBE ANTONIETTE
Titular: **Helio Begliomini**
- Cadeira 11: Patrono PADRE JOSÉ DE ANCHIETA
Titular: **Carlos Rolim Affonso**
- Cadeira 12: Patronesse CECÍLIA MEIRELES
Titular: **Genésio Pereira Filho**
- Cadeira 13: Patrono MIGUEL COUTO
Titular: **Lázaro José Piunti**
- Cadeira 14: Patrono ASSIS CHATEAUBRIAND
Titular: **Carlos Alberto Di Franco**
- Cadeira 15: Patronesse SANTA TERESA D'ÁVILA
Titular: **Padre Roque Schneider**
- Cadeira 16: Patrono COELHO NETO
Titular: **Adilson Cezar**
- Cadeira 17: Patrono JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
Titular: **Justino Magno Araújo**
- Cadeira 18: Patrono OSVALDO ARANHA
Titular: **Marcos Prado Troyjo**
- Cadeira 19: Patrono RAFAEL PETAZZONI
Titular: **Douglas Michalany**
- Cadeira 20: Patrono GUSTAVO TEIXEIRA
Titular: **Samuel Pfromm Netto**
- Cadeira 21: Patrono SIGMUND FREUD
Titular: **Ozires Silva**
- Cadeira 22: Patrono SANTO AGOSTINHO
Titular: **Carolina Ramos**
- Cadeira 23: Patrono D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA
Titular: **Ives Gandra da Silva Martins**
- Cadeira 24: Patrono PAULO SETÚBAL
Titular: **Débora Novaes de Castro**
- Cadeira 25: Patrono RUY BARBOSA
Titular: **Maria Cecília Naclério Homem**
- Cadeira 26: Patrono APÓSTOLO SÃO PAULO
Titular: **Paulo Cintra Damião**
- Cadeira 27: Patrono SÃO LUCAS
Titular: **João Monteiro de Barros Filho**
- Cadeira 28: Patrono FREI D. ANTÔNIO MANUEL DE VILLENA
Titular: **Dom Antonio Maria Mucciolo**
- Cadeira 29: Patrono SÃO JOSÉ – O CARPINTEIRO
Titular: **Sebastião Luiz Amorim**
- Cadeira 30: Patrono RODRIGUES DE ABREU
Titular: **Rosa Maria Custodio**
- Cadeira 31: Patrono AROLDO DE AZEVEDO
Titular: **Dóli de Castro Ferreira**
- Cadeira 32: Patrono SANTO ANTONIO DE PÁDUA E DE LISBOA
Titular: **Luiz Gonzaga Bertelli**
- Cadeira 33: Patrono JUSCELINO KUBITSCHCK DE OLIVEIRA
Titular: **Guido Arturo Palomba**
- Cadeira 34: Patrono PADRE DIOGO ANTÔNIO FEIJÓ (vaga)
- Cadeira 35: Patrono TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (vaga)
- Cadeira 36: Patrono ANTÔNIO VIEIRA, O GRANDE
Titular: **José Verdasca dos Santos**
- Cadeira 37: Patrono SÃO JOÃO BOSCO
Titular: **José Luiz Gomes do Amaral**
- Cadeira 39: Patronesse MADRE MARIA TEODORA VOIRON
Titular: **Frances de Azevedo**
- Cadeira 40: Patrono GIBRAN KHALIL GIBRAN
Titular: **Luiz Eduardo Pesce de Arruda**

A PALAVRA...



Solenidade de posse da nova Diretoria, em 30/08/2011: Yvonne Capuano recebe medalha do Acadêmico Dom Antonio Maria Mucciolo (Foto: CIEE/Divulgação)

EM DEFESA DO IDIOMA

COSTUMA-SE MEDIR O SUCESSO de uma iniciativa pelo número de manifestações positivas que desencadeia. Foi o que aconteceu com nosso jornal, cuja boa acolhida entre os acadêmicos, e entre os membros das demais entidades culturais brasileiras para as quais foi distribuído, nos serve de estímulo para continuar. O segundo número aqui está, numa demonstração de que é possível mantê-lo como porta-voz regular de projetos e realizações, como espaço noticioso aberto a entidades congêneres e como veículo de opiniões e críticas.

O ano de 2012 começa auspicioso. Está em vias de formalização a parceria que a Academia Cristã de Letras pretende fazer com a Academia Paulista de Letras e a Universidade Anhembi Morumbi para a realização de um concurso literário anual, destinado não só a identificar talentos mas, sobretudo, a incentivar o cultivo da leitura e da escrita entre as novas gerações. Seu regulamento será em breve publicado, e contamos desde já com a colaboração de todos em sua ampla divulgação.

Ante a velocidade hoje alcançada na transmissão das informações e o uso cada vez mais disseminado das redes sociais de comunicação, os cuidados que antes se dispensavam à redação têm sido substituídos pela extrema informalidade, pelas palavras abreviadas e pelo pouco ou nenhum compromisso com as normas gramaticais. Se o assunto é polêmico e ocupa, de tempos em tempos, o noticiário da imprensa, partimos da ideia de que é preciso conhecer o padrão formal da língua (aquilo que alguns chamam de linguagem culta) para, eventualmente, transgredir-lo, adequando seu uso aos diferentes contextos a que nos leva a criação literária. É o que entendemos por defesa do idioma, terreno em que as academias de letras têm, afinal, uma importante missão a cumprir.

YVONNE CAPUANO*

yvonnecapuano@uol.com.br

DISCURSO DE POSSE

30/08/2011

SINTO-ME DUPLAMENTE HONRADA, nesta noite, ao tomar posse como presidente da Academia Cristã de Letras. Em primeiro lugar, por ter merecido o voto de confiança dos que me elegeram e dos que se dispuseram a integrar esta diretoria. Refiro-me especialmente a Adolfo Lemes Gilioli, Dom Antonio Maria Mucciolo, Carlos Alberto Di Franco, Carlos Rolim Afonso, Doli de Castro Ferreira, Douglas Michalany, Francis de Azevedo, Hélio Begliomini, Ives Gandra da Silva Martins, José Renato Nalini, José Verdasca dos Santos, Paulo Nathanael Pereira de Souza, Roberto Machado Carvalho, Rosa Maria Custodio, Ruy Martins Altenfelder Silva e Sebastião Luiz Amorim. Em segundo lugar, por suceder, no cargo, à figura admirável de Paulo Nathanael Pereira de Souza, hoje agraciado com o título de presidente emérito desta entidade.

O privilégio de estar aqui é ainda maior quando evoco o sentido e o papel que têm as academias nos dias de hoje, se confrontadas com o ritmo vertiginoso do mundo digital e a velocidade com que todos acedemos às informações disseminadas pelos meios de comunicação, graças a inovações tecnológicas cada vez mais surpreendentes. É como se o espaço da reflexão, da troca de ideias e da convivência, que esta academia não cessa de celebrar, não mais pudesse subsistir; ou como se os atributos que a distinguem – seu caráter gregário e cristão, principalmente – pudessem submergir ante a voracidade dos novos tempos. Para caracterizá-los e identificar seu aspecto paradoxal, Pierre Levy, um dos mais importantes teóricos da chamada cibercultura, fala em transbordamento caótico de informações, em inundação de dados, em águas tumultuosas e em turbilhões a confundir nossos espíritos, fazendo uma analogia com os textos bíblicos ao afirmar que vivemos uma espécie de “segundo dilúvio”.

Cabe então perguntar se o tempo de maturação das ideias, tão importante para o processo criativo e o desenvolvimento do espírito crítico que pretendemos cultivar à sombra de nosso sodalício, não ficaria de certo modo preservado, legitimando inclusive uma analogia entre a arca de Noé e o espaço de sobrevivência oferecido pelas academias. O fato é que aqui estamos para resistir, caros amigos: irmanados e fortalecidos pela entrada de novos membros (Carolina Ramos, Luiz Eduardo Pesce de Arruda, Maria Cecília Naclério Homem e Paulo Cintra Damião); apoiados pelas entidades que hoje se fazem representar nesta solenidade; e reconhecidos pelo expressivo público que nos prestigia com sua presença. Aqui estamos para resistir e lutar, e sei que não estamos sós. Obrigada a todos.

* Médica, Empresária, Escritora. Mestre em Educação, Administração e Comunicação (Universidade São Marcos). Presidente da ACL, membro da Academia Paulista de História, Associação Paulista de Medicina, ex-presidente da Academia Paulista de Medicina. Conselheira do CIEE, da AACD, CIESP, FIESP, ADVB e outras entidades. Fundadora do MMV (Movimento Mulheres da Verdade). Autora de vários livros, entre eles: De sonhos e utopias: Anita e Giuseppe Garibaldi (1999).

HISTÓRICO

NOVA DIRETORIA DA ACL



Da esquerda para a direita: Carlos Rolim Affonso, José Renato Nalini, Yvonne Capuano, Paulo Nathanael P. de Souza, Frances de Azevedo, Sebastião Luiz Amorim, Helio Begliomini, Rosa Maria Custodio.

SOLENIIDADE DE POSSE

Realizada no Espaço Sociocultural - Teatro CIEE (Rua Tabapuã, 445, Itaim Bibi, São Paulo, Capital), na noite de 30 de agosto de 2011, a solenidade de posse da nova diretoria e dos novos acadêmicos da ACL contou com a presença de um expressivo público.

Este memorável evento só foi possível graças ao empenho (planejamento e ações positivas e concretas) de muitas pessoas, entre elas os Acadêmicos *Yvonne Capuano, Paulo Nathanael Pereira de Souza, Ruy Martins Altenfelder Silva, Luiz Gonzaga Bertelli.*

Dom Antonio Maria Mucciolo - Acadêmico da ACL, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Botucatu e presidente da REDE VIDA de televisão, foi o responsável pela cobertura televisiva da solenidade, possibilitando assim que um público bem maior pudesse tomar conhecimento desse evento que enalteceu a Academia Cristã de Letras e a tornou mais conhecida no cenário sociocultural de nosso país.

Após a abertura, com a participação da Banda Sinfônica da Polícia Militar de São Paulo, que tocou o Hino Nacional, a nova diretoria, tendo como presidente Yvonne Capuano, foi empossada. Em seguida, os novos Acadêmicos foram apresentados e proferiram seus discursos sobre patronos e antecessores.

NOVOS ACADÊMICOS



O Acadêmico Antonio Lafayette entrega o diploma à Carolina Ramos; Ruy Altenfelder entrega o diploma à Maria Cecília; Luiz Eduardo Pesce de Arruda recebe o diploma de Paulo Nathanael; Adolfo Lemes Gilioli entrega o diploma à Paulo Cintra Damião.

NOVOS ACADÊMICOS

CAROLINA RAMOS (Cadeira 22, patrono Santo Agostinho, antecessores: Kyselce Amazonas Correia e Carlos Corrêa de Oliveira.)

MARIA CECÍLIA NACLÉRIO HOMEM (Cadeira 25, patrono Rui Barbosa, antecessores: Rui de Azevedo Sodré, Francisco Cimino e Sebastião da Silva Barreto.)

LUIZ EDUARDO PESCE DE ARRUDA (Cadeira 40, patrono Gibran Kalil Gibran, antecessor: Afiz Sadi.)

PAULO CINTRA DAMIÃO (Cadeira 26, patrono Apóstolo São Paulo, antecessor: Hélio Falchi.)

(Fotos: CIEE/Divulgação)

REGISTROS

DISCURSO DE POSSE PROFERIDO POR MARIA CECÍLIA NACLÉRIO HOMEM*
 ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS - 30 DE AGOSTO DE 2011
 (CADEIRA 25 - PATRONO: RUI BARBOSA)

“SENHORAS E SENHORES:

Primeiramente, quero cumprimentar a Dra. Yvonne Capuano, digníssima Presidente da ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS e o Professor Paulo Nathanael Pereira de Souza, DD. Presidente Emérito e 1º Vice Presidente, a quem agradeço as gentis palavras proferidas a meu respeito, bem como ao Dr. Ruy Martins Altenfelder Silva, ilustre confrade que realizou a apresentação dos novos membros desta Academia.

Agradeço a todos os presentes, incluindo os meus parentes e amigos – alguns dos quais datam dos bancos escolares – por terem me prestigiado com sua presença e com sua atenção.

Venho expressar minha alegria por ter sido aceita como membro efetivo deste sodalício, onde se congregam figuras de escol ligadas ao nosso mundo intelectual, à prosa, à poesia, às artes e às ciências em geral. Sinto-me honrada por pertencer à Academia Cristã de Letras.

Desejo agradecer especialmente à advogada Dra. Frances de Azevedo, poeta cuja obra e princípios morais e éticos são admiráveis, DD. Secretária Geral desta Academia. Foi a Dra. Frances quem me acenou com a possibilidade de concorrer a uma das vagas, enchendo-me de coragem para que eu enviasse o meu currículo.

São motivo de júbilo para mim e de respeito tanto por herança familiar quanto por convicção religiosa os princípios cristãos que regem esta Academia, a saber: Amar o próximo como a si mesmo e perdoar os inimigos. De fato, Cristo não se ateu em transmitir os seus ensinamentos ao seu próprio povo, mas falou às diversas etnias presentes na Palestina de seu tempo, dirigiu-se ainda às tribos inimigas de Israel, valorizou as crianças e as mulheres. Ultrapassou barreiras este revolucionário, numa época em que vigorava a pena de talião e que a mulher era colocada em condição de inferioridade em relação ao homem.

Refiro-me, assim, ao amor sem limites, ao amor incondicional de Cristo pela humanidade. E daí, à profecia, escrita em João; HAVERÁ UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR.

Dentro da linha do pensamento cristão e da literatura, encontro o meu antecessor na cadeira 25: o Dr. Sebastião Silva Barreto, poeta e escritor consagrado pela crítica e internacionalmente conhecido. Nasceu em 1928, em Visconde do Rio Branco, MG e faleceu em 2010. Procurador de Justiça do Estado de São Paulo, foi autor de 18 obras, entre poesias, trabalhos históricos e profissionais. Foi muitas vezes premiado, tanto no Brasil quanto na França, Portugal e Estados Unidos. Com Menotti Del Picchia, foi um dos fundadores do Movimento Poético Nacional. Escreveu: entre outros, *A TRAGÉDIA DA FONTE, FIGURAS ANÔNIMAS, 20 POEMAS ...E A VIAGEM DE UMA LÁGRIMA, POESIAS E CRÔNICAS QUE FICARAM PARA TRÁS.*

É mais formidável ainda o fato de que ele homenageia as mulheres por considerá-las as grandes esquecidas, em sua obra: *A Mulher, essa Desconhecida*, 2009.

E assim, chegamos ao patrono desta Cadeira: RUI MARCELO BARBOSA DE OLIVEIRA ou simplesmente RUI BARBOSA, um dos intelectuais e homens públicos mais cultos e atuantes que este país já teve, o qual segue admirado pelos brasileiros até hoje. Nascido em Salvador, Bahia, a 5 de novembro de 1839, faleceu em Petrópolis, RJ, no dia 10 de março de 1923, Rui Barbosa dedicou toda a sua vida às causas nacionais, começando por defender as liberdades humanas.

Faço duas ressalvas ao discorrer sobre Rui Barbosa:

1ª RESSALVA

– Escreveu 50 livros reunidos em 137 tomos. Mas nós, os acadêmicos, assumimos o compromisso de proferir discursos breves.

Com relação à primeira ressalva, respondo:

Nem que fosse um minuto seria uma honra falar sobre Rui Barbosa, sinônimo de competência, força moral e ética, impregnadas de patriotismo.

2ª RESSALVA

– Com razão, os advogados, os cultores do Direito reverenciam Rui Barbosa há cerca de um século, devido à sua vasta obra como juriconsulto, ao seu amor à liberdade, à justiça e ao Direito, professados como missão.

Resposta a esta ressalva: Mas não sou advogada!

Contudo, se não sou advogada, sou brasileira e cultora da língua portuguesa! E assim, fui especialmente premiada, pois Rui Barbosa é um dos clássicos da língua portuguesa e foi um dos maiores exemplos de amor à pátria, dedicando toda a sua vida e a sua vasta obra ao engrandecimento do Brasil.

Não somente o Direito lhe valeu como arma como também sua vasta cultura, dedicação e perseverança.

Na passagem do Império para a República, o país passava por diversas crises: o caso da escravidão e escassez de mão de obra para a bem sucedida cafeicultura. A falta de instrução popular e de sistemas de saúde para a população, os anseios pela República, latentes na maior parte das camadas sociais, a separação Igreja-Estado, a liberdade dos cultos religiosos, a necessidade de se instituir o voto direto e de se elaborar uma nova constituição, a reforma bancária, a montagem de uma nova estrutura urbana, a modernização dos meios de transportes, etc.

De forma que era preciso construir um novo país, onde estava tudo por fazer, isto é, atualizá-lo era preciso, em conformidade com os países industrialmente desenvolvidos, considerados modelos mais avançados de civilização.

Rui foi um dos que assumiram essa tarefa. Além do Direito, desde jovem, atuou como jornalista e político, tendo sido duas vezes deputado e conselheiro do Império. Realizou importantes incursões pela Economia, Pedagogia e História.

Rui Barbosa toma parte ativa em quase todas as reformas políticas ocorridas na sua época. Foi Ministro da Fazenda no governo provisório da nova República, Senador por duas vezes. Reviu o projeto da Constituição de 1891 e do Código

REGISTROS

Civil Brasileiro, opondo-se ao professor Ernesto Carneiro Ribeiro, que dera o parecer deste projeto. Respondeu-lhe Rui Barbosa com sua monumental réplica, a qual provocou não menos substancial tréplica do opositor. Em 1893, já então consagrado intelectualmente, chefio a delegação à Segunda Conferência de Paz, reunida, em 1907, em Haia, a convite do Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores. Defendeu com brilho invulgar a adoção obrigatória do arbitramento nos conflitos internacionais e a participação de todas as nações pequenas e grandes, em inteira igualdade, na Corte do Arbitramento. Granjeou fama internacional, de onde o cognome que recebeu: a Águia de Haia. Voltou a HAIA para retomar a mesma luta, em 1919-1921.

Por duas vezes foi candidato à Presidência da República, em 1907 e em 1919. Perdeu duas vezes. A primeira, para o Mal Hermes da Fonseca, apesar da grandeza moral que imprimira à sua “Campanha Civilista”. A segunda, para Epitácio Pessoa. (Também, esse nome acaba com qualquer um!)

Considerado o “estatuário da palavra” e o “vernáculo do século” foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, em 1908, na vaga de Machado de Assis, tendo presidido a Academia até 1919.

Foram seus contemporâneos, pessoas atuantes nos mais diversos setores: grandes oradores e homens públicos como Castro Alves, Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Quintino Bocaiúva, André Rebouças, Oswaldo Cruz (1872-1917), Roquete Pinto, Benjamin Constant (1833-1891), entre outros. Testemunha de seu tempo, Rui percebe a importância desses homens nesse momento histórico e escreve sobre alguns deles: Castro Alves, Oswaldo Cruz, e sobre suas experiências de homem público. Escreveu ainda, sobre José Bonifácio e sobre o Marquês de Pombal.

Em 1886, preocupado com a questão do ensino, que utilizava tradicionalmente o método decorativo, traduziu do inglês o célebre livro: LIÇÃO DE COISAS, de autoria do escritor norte-americano Norman Allison Calkins, 1861, onde propunha o método intuitivo.

Contudo, apesar das grandes transformações que ocorreram no Brasil durante o século XX, muitas daquelas questões pelas quais propugnaram Rui Barbosa e seus contemporâneos, não foram resolvidas ou seguem mal resolvidas. De forma que o pensamento de Rui Barbosa continua ecoando até os dias atuais, o que torna possível defini-lo como um profeta, dada a atualidade de sua obra.

Selecionamos alguns pensamentos breves que evidenciam nossa assertiva:

- Sobre as nulidades na terra de Macunaíma: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto.”

- Sobre a língua pátria: “A degeneração de um povo, de uma nação ou raça, começa pelo desvirtuamento da própria língua” O ESP, 18-5-011, Ab

- SOBRE A LEI: Em Oração aos Moços, discurso que dedicou aos formandos da Faculdade de Direito de 1920, advertiu-os quanto ao problema da lei no Brasil: “Ora, senhores bacharelados, pesai bem que vos ides consagrar

à lei, num país onde a lei absolutamente não exprime o consentimento *da maioria*, onde são as minorias, as oligarquias mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitáveis, as que põem e dispõem, as que mandam e desmandam em tudo, a saber: num país onde, verdadeiramente não há lei, não há moral política ou juridicamente falando”.

- Ainda em Oração aos Moços, expressa o seu lema: DEUS, PÁTRIA E TRABALHO, ESSAS TRÊS FÊS, TRÊS AMORES, TRÊS SIGNOS SANTOS. (Idem, ibidem, p. 60)

- SOBRE NAÇÃO e SOBERANIA:

1 – Uma nação que se abandona a si própria é uma nação oferecida à conquista. (MIGALHAS)

2 – Uma raça, cujo espírito não defende o seu solo e seu idioma, entrega a alma ao estrangeiro antes de ser por ele absorvida. (MIG.)

- SOBRE IGUALDADE:

1 – “A regra da IGUALDADE não consiste senão em quinhoar desigualmente os desiguais, na medida em que se desigualam”. (O. M. p. 46)

2 – “A DESIGUALDADE se nivela pela educação, trabalho e perseverança”.

- SOBRE ESCOLA:

1 – “Gratuidade escolar quer dizer gratuidade do ingresso na escola; quer dizer que a escola abre suas portas sem condições a todas as fortunas; a indigência mesma não as encontrará menos francas que a riqueza. Eis o princípio constitucional”. (MIG., 97)

2 – “Entre todas as obras pias, nenhuma se compara em piedade à criação de uma escola”. (MIG. 98)

Embora tenhamos apresentado uma pequena mostra, por estes pensamentos, ficam patentes as preocupações que foram constantes na obra de Rui Barbosa: a pátria, a desigualdade social, a educação, a corrupção e a importância do trabalho.

Poder falar um pouco sobre Rui Barbosa e declinar alguns de seus pensamentos constituiu uma oportunidade que muito agradeço. De fato, entre nós, o advento do Modernismo a partir dos anos 1930, acompanhado de novas ideologias focou o país sob novos prismas, de forma que o pensamento e a atuação de Rui Barbosa foram colocados de lado tanto pela História quanto pela Literatura.

Mais uma vez, muito obrigada a todos!”

*Bacharel e Licenciada em Letras Neolatinas pela FFLCH da USP. Como bolsista do Instituto de Cultura Hispânica e da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou História da Arte e da Arquitetura nas Universidades de Madrid e de Lisboa. Mestre em História Social, também pela FFLCH da USP, e Doutora em Estruturas Ambientais Urbanas, pela FAU-USP, onde realizou pesquisas nessa área e, no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, no campo da História da Cultura Material. Direciona seus trabalhos em vista da preservação do patrimônio histórico paulista. Escreveu, além de inúmeros artigos, os livros: *Higienópolis, Grandeza de um Bairro Paulistano*, Prefeitura, 1980, e EDUSP, 2011, 2ª Ed., *O Palacete Paulistano*, WMF Martins Fontes Editora, 1ª Ed., 1996, 2ª Ed., 2010, *O Prédio Martinelli: A Ascensão do Imigrante e a Verticalização de São Paulo*, Projeto Ed., 1984. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do Conselho Cívico e Cultural da Associação Comercial de São Paulo e do Conselho da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC. (mcecilianh@gmail.com)

REGISTROS

DISCURSO DE POSSE PROFERIDO POR PAULO CINTRA DAMIÃO*
 ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS - 30 DE AGOSTO DE 2011
 (CADEIRA 26 -PATRONO: APÓSTOLO SÃO PAULO)

“SENHORAS E SENHORES:

Qualquer um dentre nós reconhece a dificuldade de resumir a biografia do Apóstolo Paulo, o maior teólogo e evangelizador da Igreja Primitiva. Assim, dentro do pouco tempo de que disponho, procurarei fazer o possível dentro do impossível.

De sólida cultura, iniciada em sua cidade natal – Tarso, na Província Romana da Cilícia –, e concluída em Jerusalém, na escola organizada pelo Rabino Gamaliel, Saulo, que depois se transformaria em Paulo, conhecia muito bem as três línguas usadas naquela grande região do Império Romano, a saber: latim, grego e hebreu ou hebraico, além do aramaico, que era a linguagem popular do hebraico.

Não apenas aprendera a ler e a estudar os autores do Antigo Testamento, por ele citados muitas vezes em suas Epístolas, como também tinha conhecimento de importantes autores gregos e romanos, além de sua especial formação filosófico-teológica. Por sua capacidade intelectual e por ser filho de judeu, que se tornara cidadão romano, certamente teve acesso a muitas informações conhecidas apenas das autoridades de seu tempo, pois também era um destacado fariseu.

Embora de origem judaica, em seus magníficos textos enfatizou a distinção entre o Judaísmo e o Evangelho de Cristo, ao qual ele passara a seguir.

Sua atitude, até certo ponto revolucionária, modificou a orientação seguida pelos primitivos apóstolos, apontando o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário como o caminho para a salvação, fato que acabou por ser o principal motivo das autoridades judaicas em persegui-lo. Ao tempo em que chefiava grande perseguição aos cristãos, com autorização das autoridades que formavam o Sinédrio, ele mesmo, escrevendo ao seu discípulo e amigo Timóteo, afirma a seu respeito: “Sou grato para com aquele que me fortaleceu, a Cristo Jesus nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério, a mim, que noutro tempo era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade.” (I Tm 1.12 e 13.) Todos esses fatos, com muitos detalhes, estão registrados no livro de Atos dos Apóstolos, o 1º livro de História da Igreja Primitiva, escrito pelo evangelista São Lucas, especialmente nos capítulos VIII e IX.

Afeito aos conflitos existentes entre o Governo de Roma com as Províncias Imperiais, praticamente em todas elas, de modo especial na da Judéia, soube ele, como ninguém, safar-se de maneira extraordinária de todas as armadilhas que lhe foram preparadas.

O Apóstolo Paulo pregava o Evangelho a tempo e fora do tempo; em prisão ou em liberdade; com saúde ou enfermo. Pregou nas sinagogas, nas casas, no templo de Jerusalém, nas praças, nas ruas, nos navios, nos salões governamentais, enfim, em todo lugar.

Demonstrando grande habilidade em sua pregação cristã, afirma na 1ª Carta aos Coríntios, cap. 9.22: “Fiz-me fraco para os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns.

Empreendeu três grandes viagens missionárias com vários de seus próprios discípulos, como também com o Apóstolo Barnabé, organizando núcleos e igrejas em pelo menos oito Províncias: Bitínia, Frígia, Panfília, Cilícia, Macedônia, Galácia, Mísia, e na Ásia, que naquele tempo se restringia apenas à parte ocidental, da grande região que, mais tarde, foi designada Ásia Menor, e é onde hoje se situa a Turquia.

Entre as principais igrejas por ele fundadas podemos citar: Éfeso, Tessalônica, Corinto, Filipos, Colossos, Derbe, Listra, Beréia, Icônio e Laodiceia.

Quando esteve em Atenas, capital da Ática, centro admirável das artes e da filosofia, onde, séculos antes, pontificaram Péricles, Sócrates, Platão e Aristóteles, teve a oportunidade de falar aos intelectuais que se reuniam no Areópago, citando inclusive alguns poetas gregos. (Atos 17. 28). Quando, preso pela segunda vez em Roma, escrevendo a 2ª Epístola a Timóteo, seu filho na fé, diz no cap. 4.13: “Quando vieres, traze-me a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos.” Isso bem demonstra que ele continuava sendo o estudioso de sempre.

Dentre os livros que compõem o Novo Testamento, 27 ao todo, temos 13 Epístolas escritas por ele, cuja autoria está sempre registrada logo no versículo inicial, e quase em todas elas, é novamente repetida no final. Dos 257 capítulos dos livros no Novo Testamento, ele escreveu 87; isto significa que Paulo escreveu um terço de todo o Novo Testamento.

Na ordem em que estão, em todas as Bíblias, temos: Epístola aos Romanos, duas aos Coríntios, Gálatas, Efésios, Colossenses, Filipenses, duas aos Tessalonicenses, duas a Timóteo, uma a Tito e outra a Filemon. Ressalte-se que essa ordem não é absolutamente cronológica.

Merece destaque especial a Epístola aos Hebreus, pois o autor não revela seu nome, nem se refere a circunstâncias que possam identificá-lo. Um estudo aprofundado do texto demonstra tratar-se de alguém de alta competência literária, com um estilo bem próximo do grego clássico.

As citações do Antigo Testamento são feitas pelo texto da Septuaginta, versão grega do original hebraico, efetuada cerca do ano 280 a.C., na cidade de Alexandria, no Egito. Nada obstante, muitas Bíblias publicadas até a época do Concílio Vaticano II, nos anos 60 do século passado, apontavam como autor o Apóstolo Paulo. Todavia, há muito tempo, críticos bíblicistas europeus já contestavam isso, apontando nomes de prováveis autores, tais como: Lucas, Apolo, Barnabé e Filipe.

Os principais Pais Apostólicos também divergiam quanto à autoria. Desse modo, ela é considerada anônima. O grande Pai Apostólico Orígenes, de Alexandria, que viveu entre os anos 184 e 254, afirmou: “Só Deus sabe quem foi que realmente escreveu esta Epístola.”

Eis, Senhoras e Senhores, Acadêmicos, amigos e convidados, a concisa biografia do Apóstolo São Paulo, homem resolutivo, arguto estrategista, intrépido missionário,

REGISTROS

convicto em suas corajosas palavras, arrojado nos seus atos, firme na fé em Cristo e teólogo por excelência.

Agora, cumpre-me falar um pouco a respeito de meu antecessor, o Acadêmico Hélio Falchi.

Enfermo nos últimos anos de sua vida, ele não tinha condições para frequentar a Academia.

Nascido nesta capital, na Vila Prudente, em 26 de maio de 1923, cursou a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Foi sócio do escritório de Advocacia de Benedito Soares de Mello. Pertenceu ao Conselho de Administração da Brasil Telecom, participando também da Tele-Mídia Internacional do Brasil.

Foi sócio do Rotary Club de São Paulo desde 1958, ocasião em que era empresário e Diretor da Fábrica de Chocolates Falchi, fundada por seus antepassados, em 1890, e que foi a 1ª Fábrica de Chocolates paulista. Também foi sócio atuante do Automóvel Club de São Paulo.

O Acadêmico Hélio foi autor de muitos livros, a maioria na área de História, dentre os quais posso citar: *História Econômica e Social*, publicada na Revista Vida Rotária, em cinco capítulos, entre os anos 1965 e 1975; *Os Caminhos do Bem*, 1966; *A Marcha do Imperialismo*, 1969; *Paralelos Históricos – Oriente e Ocidente*, 1973; *Bandeiras Paulistas*, 1972; *O Visconde de Mauá*, 1974; *Anchieta*, 1982; *Mulheres*, 1983; *O Aleijadinho e seu Século*; e *Os Vikings*.

Hélio Falchi foi recebido como membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em 1974; e na Academia Cristã de Letras em 1975. Era um homem afável, culto e compreensivo. Há poucos anos, faleceu nesta mesma cidade em que sempre viveu e trabalhou. À sua memória, a minha sincera homenagem como seu sucessor. Meu especial agradecimento a todos os presentes pela paciente atenção que me dispensaram.”

*Bacharel em Direito; Bacharel e Licenciado em Letras Clássicas (Latim, Grego e Português); Bacharel em Teologia. Registrado no MEC como Professor de Latim, Grego e Português, desde 1957. Fez pós-graduação em Filologia Portuguesa e Linguística na USP; e especialização em Direito Processual Civil na PUC/SP. Foi professor titular de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e/ou Portuguesa nas Universidades: Presbiteriana Mackenzie; Uninove e Metodista de São Paulo (UMESP). Na UFMU foi professor na Faculdade de Direito. Também lecionou Teoria Literária e Literatura Grega na Universidade Mackenzie, tendo sido Diretor da Faculdade de Letras e Educação. Foi professor titular na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil de 1962 até 1987. Foi Assistente Técnico na Secretaria de Educação do Estado; Assistente Técnico da Secretaria da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo de 1981 até 1987. Foi fundador e Diretor-redator do Jornal RIO PRETO EVANGÉLICO, que circulou em São José do Rio Preto/SP. Pertence (ou pertenceu) à Diretoria ou ao Conselho de Curadores das Fundações: Mary Harriet Speers, Eduardo Carlos Pereira, Arnaldo Vieira de Carvalho e Cerqueira Leite. Recebeu inúmeras medalhas, títulos e outras honrarias. Seus poemas foram musicados e gravados em CDs. Publicou *Reflexões* (pensamentos) em 1988, reeditado em 2006 e 2009; *Transparências* (poesias), em 1989; *A Razão de Ser da Obra Literária* (conferência) em 1988. Colaborou em diversos jornais e revistas.

BANDEIRA DO BRASIL*

ADOLFO LEMES GILIOLI*
adolfo.gilioli@hotmail.com

Bandeira da minha pátria, símbolo da unidade nacional de um país que merecia ser mais respeitado e menos vítima da desfaçatez de alguns homens públicos.

Auriverde pendão da minha terra, imagem deste nosso querido Brasil que conseguimos construir com intrepidez e civismo – mas hoje, querem enxovalhar nossas tradições e até mesmo a língua pátria. Estão corroendo, estão envenenando a estrutura ética da sociedade e degradando o ambiente democrático.

Bandeira deste nosso Brasil de extensas áreas da administração federal funcionando, lamentavelmente, como autênticos feudos políticos.

Bandeira desta pátria de Caxias e de Rui Barbosa.

O seu verde, que representa as matas, antes exuberantes, hoje, vítimas de assombrosos e nefastos desmatamentos.

O amarelo, símbolo das nossas riquezas, hoje, riquezas que estão sendo transferidas, clandestinamente, para fora do país. Desguarnecidas, estão nossas fronteiras.

O azul do nosso céu, nossos mares, rios e mananciais, hoje, todos eles, criminosamente, cada vez mais poluídos.

O branco, que retrata a alma e a índole pacífica do povo brasileiro, hoje, está salpicado de incertezas e de intranquilidade em razão da onda avassaladora de criminalidade, corrupção e impunidade.

Bandeira do Brasil, pendão da esperança que aquece nosso coração, receba desta plêiade de idealistas, gente de fé, aqui reunidos, o nosso compromisso de jamais deixar morrer os ideais republicanos que a fizeram nascer. Tenha a certeza de que, com orgulho e fervor cívico, estaremos sempre de pé e à ordem, lutando, incansavelmente, para restabelecer o brilho e a dignidade de suas cores.

Bendita seja, Bandeira do nosso Grandioso Brasil!

A Lua simboliza o Saber.

O Saber é o conhecimento da Verdade.

A Verdade liberta e dignifica o ser humano.

Luz é pensamento divino e age pela própria essência.

*Saudação proferida pelo Acadêmico Adolfo Lemes Gilioli, dia 19 de novembro de 2011 – Dia da Bandeira – na Praça Joaquim Piza (Praça da Catedral), em Lins, sua cidade natal. Acompanhado de colegas da Academia Linense de Letras, da qual é fundador. Reunido com as autoridades e a população de Lins no ato cívico em homenagem à Bandeira Nacional, Gilioli expressa seu respeito e amor ao Brasil.

*Professor, Jornalista, Escritor. Presidente Emérito da ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS, Ialense Emérito do Século XX. Decano do Jornalismo, fundador do Jornal O Politécnico, ex-Presidente da Associação Paulista de Imprensa. Autor de Academia e Discursos Acadêmicos (2001), Lins, Terra Querida - A trajetória de um Ialense (2008).

REGISTROS

NÓS E A PÁTRIA*

J. B. OLIVEIRA *
jboliveira@jbo.com.br

Em frase que se internacionalizou e immortalizou-se, disse, certa feita, o Presidente John Fitzgerald Kennedy: “não devemos perguntar o que a Pátria pode fazer por nós, mas o que nós podemos fazer pela Pátria”.

Permito-me parafrasear o grande estadista norte-americano para dizer, neste instante: “Não devemos perguntar em que nós precisamos da Pátria, mas em que a Pátria precisa de nós”.

HÁ, NESTE MOMENTO, PÁTRIAS QUE PRECISAM DE GUERREIROS!

Não são poucos os países mergulhados na tragédia da guerra. Ali, a Pátria roga aos filhos que criou que deixem as enxadas, as penas, as máquinas de produção de alimentos e de bens de consumo, as bigornas e as forjas, as oficinas, as fábricas, os escritórios e também o Lar — descanso sagrado do trabalhador — e empunhem o fuzil, a metralhadora, o canhão, as armas da destruição e da morte, para defendê-la...

HÁ PÁTRIAS QUE PRECISAM DE MERCENÁRIOS!

Contratam-nos a mancheias, pagando seu infame salário com os recursos que deveriam ser destinados à compra de pão, para matar a fome — geralmente crônica e aguda — que vitima seus filhos mais débeis, suas crianças...

HÁ PÁTRIAS QUE PRECISAM DE FRATICIDAS!

Carrascos tão desalmados que não hesitem em abater seus próprios irmãos de sangue, seus compatriotas, nascidos no mesmo solo, bafejados pela mesma brisa, abrigados pela mesma bandeira. Matam-se, entretanto, com fuzis, bombas, explosivos e incêndios, como se fossem — uns para os outros — as mais hediondas bestas-feras...

HÁ PÁTRIAS QUE PRECISAM DE TERRORISTAS!

Seres desumanos, bestiais, que não vacilem em sacrificar crianças, mulheres e velhos indefesos na pira sem sentido e louca de seu ódio irracional, de sua fúria genocida...

HÁ PÁTRIAS, AINDA, QUE PRECISAM DE MÁRTIRES!

Criaturas que sejam sacrificadas no altar, nem sempre sublime, nem sempre puro, nem sempre patriótico da política de bastidores internacionais, visando conquistar, pelo engodo e pelo sensacionalismo, a simpatia das demais nações. Muitos são os filhos que tais pátrias assim ceifam no vigor da vida, no verdor dos melhores anos, na doce inocência da imaturidade — quais ovelhas para o matadouro — em nome de suas causas, muitas vezes, escusas.

A Pátria Brasileira, porém, esta “boa terra que jamais negou a quem trabalha o pão que mata a fome e o teto que agasalha” nada disto nos pede. O Brasil, “Pátria do Evangelho e Coração do Mundo”, não precisa que sejamos GUERREIROS, nem MERCENÁRIOS, nem

FRATICIDAS, nem TERRORISTAS, nem MÁRTIRES! Precisa, sim, que sejamos IDEALISTAS! Não requer que morramos por uma aspiração, mas que VIVAMOS por um ideal — o mais belo, o mais sublime, o mais glorioso — aquele que aprendemos a entoar na infância e seguimos cantando pela vida afora: “Paz no futuro e glória no passado”!

A Pátria Brasileira precisa de filhos que, Professores ou Operários; Médicos ou Serviçais; Engenheiros ou Lavradores; Intelectuais ou Braçais, assumam a causa pura e insuperável de — com “ORDEM E PROGRESSO”, em suas áreas de atividade, qual imenso Exército do Labor, da Integração e do Desenvolvimento — efetivar a transformação do Brasil grande que recebemos de nossos pais no GRANDE BRASIL que entregaremos a nossos filhos!

**Do livro “Iluminação Interior - Mensagens e Temas para Meditar”, Madras Editora.*

**Advogado, Jornalista, Professor Universitário e de Oratória. Membro da ACL, da Academia Evangélica de Letras, Academia Paulistana Maçônica de Letras, Academia Maçônica Internacional de Letras, Conselheiro da OAB, do INQJ, FENADVB, ADVB, AMITUR. Autor dos livros: “Falar Bem é Bem Fácil”, “Inspiração - Reflexões para todas as horas”, Boas Dicas para Boas Falas”.*

AMA-O!

(ELE PRECISA DO TEU AMOR!)

CAROLINA RAMOS*
linacaroramos@gmail.com

Estende o olhar por esse espaço afora...
Sangue viril e ardente, seiva pura,
corre farto nas veias da figura
desse Hércules banhado à luz da aurora!

É o teu Brasil! Brasil que se vigora,
braços abertos a esperar ternura,
retalhado de estradas, à procura
da integração, que não distante mora!

Num milagre de Amor, que a crer convida,
este imenso gigante ainda cresce
em seus rumos de Terra Prometida!

Ama-o! – Amor de filho é amor sagrado!
E este Brasil, de abençoada messe,
por Deus, que é Pai, também é muito amado.

**Poetisa, Escritora, Artista Plástica e Musicista. Membro da ACL, Academia Feminina de Ciências e Artes de Santos, do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, União Brasileira de Trovadores, onde é Conselheira. Autora de vários livros, entre eles Liberdade, Sonho de Todos e Destino.*

REGISTROS

ESPÍRITO NATALINO...

AOS ACADÊMICOS DA ACL, os votos de Douglas Michalany (ACL - Cadeira 19, Patrono Rafael Petazzoni) e sua esposa Silvia Marina:

Que o repicar dos sinos, na grande festa da Cristandade, seja o prenúncio de um Ano Novo Pleno de Amor, paz e prosperidade.

“Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade.”

MAIS UM NATAL QUE CHEGA
E UM ANO QUE FINDA

JOSÉ VERDASCA DOS SANTOS*
j.verdasca@uol.com.br

Para todos quantos já ultrapassaram os três quartos de século, o tempo corre mais célere ou, talvez quem sabe, sejamos nós que pelo tempo passamos, já que este será infinito, ao contrario dos “*Seres Espirituais Vivendo uma Experiência Humana*” que somos todos nós, segundo as palavras do sábio filósofo Teilhard de Chardin.

E nós - prendados com a Civilização dita Ocidental e Cristã - habituados estamos às Comemorações Natalinas, época em que mais aflora o Espírito Cristão que irradia FRATERNIDADE e SOLIDARIEDADE, JUSTIÇA e DIGNIDADE, TOLERANCIA e COMPREENSAO, HUMANISMO e PAZ.

Serão estes - decerto - os PRINCIPAIS VALORES, IDEAIS e ou PRINCÍPIOS que devem reger a VIDA ou EXISTÊNCIA na TERRA dos seres civilizados, dos homens de bem, dos cidadãos respeitáveis e respeitados, dos chefes de família honestos e conscientes, dos adultos responsáveis, dos dirigentes cientes de seus deveres, enfim, e principalmente, de todos quantos atingem posição de liderança, onde têm a nobre, digna, responsável e perigosa função de comandar seus semelhantes, influenciando procedimentos, incutindo ideias, apontando caminhos, aconselhando atitudes.

* Professor, Empresário, Jornalista, Escritor. Membro da ACL, Maceioense de Letras, Paulistana de História, Macônica Internacional de Letras, Sociedade de Geografia de Lisboa, Orden Nacional de Bandeirantes e Escritores. Autor de vários livros, entre eles: A vida, o homem e o universo.

NESTE NATAL

DÉBORA NOVAES DE CASTRO*
debora_nc@uol.com.br

Festa gloriosa inefável
do calendário cristão,
de Norte a Sul, memorável,
de Leste a Oeste, emoção.

Festa maior apregoada
ao mundo, luz, galardão;
na manjedoura coroada,
menino-Deus, Redenção.

Aos povos todos da terra,
nesta festa que descerra
muitos sonhos a florir,

que seus desejos mais caros
sejam pérolas nos aros,
jóias raras do porvir!

*Professora, Escritora, Artista Plástica. Membro da ACL, da Academia Paulista Evangélica de Escritores, da União Brasileira de Trovadores, Movimento Poético Nacional. Autora de vários livros, entre eles: Chão de Pitangas, Um vaso Novo, Haicais no Brasil.

NATAL SEM FÉRIAS!

LÁZARO PIUNTI*
ljpiunti@uol.com.br

Quero pedir a DEUS,
Um natal diferente. Que anime toda gente.
Alegre e sem misérias. Natal sem férias!
Permanente!

Com a chegada do Menino
A harmonia projetada pelo espírito natalino,
Se prolongue por toda a vida.
E seja a tristeza preterida!

A ternura afaste o desencanto,
o sorriso substitua o pranto.
E a paz elimine a guerra.
As pessoas se reencontrem no Amor
– em todos os confins da terra.

Lembrando o profeta Isaías,
sejamos criança de novo!
E na crença ao mesmo Deus
– seremos finalmente um só povo!

Um natal sem férias. Liberto de misérias!
Não é proibido amar! Não é pecado sonhar!

*Advogado, Escritor. Membro da ACL, das Academias de Letras de Araçariguama, Saltense e Iperó. Autor de livros de prosa e poesia, entre eles: Vozes do Coração, Caminhamos Juntos, Mensagens de Passagem.

REGISTROS

UM NOVO ANO

EM NOSSAS VIDAS...

2012

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS*
ARCS@gandramartins.adv.br

Começo mais um ano de trabalho,
Num mundo conturbado, mas melhor.
Ideias que espalhei e qu'inda espalho
De tanto repeti-las, sei decor.

O povo vive estranha encruzilhada
De pensar no passado com revolta,
Mas sem plano futuro e sem mais nada,
Caminha pelo escuro sem escolta.

Sabem o que não querem, mas, incautos,
Dispersam-se na busca do impossível
E com quedas, derrotas, sobressaltos,

Não conseguem deixar o próprio nível.
Dois mil e doze, um mundo diferente,
Talvez, possa nascer à toda gente.

**Sobre o autor, ver pg. 15.*

DIÁLOGO DE UMA PRECE

ANTONIO LAFAYETTE N. SILVA*

Senhor, o que me dás por toda esta saudade?
Pela esperança em que vivo a vida inteira?
Pela falsa ilusão de uma felicidade,
Que eu julgava comigo, amiga e companheira?

Em toda desventura antiga que me invade;
Aquele oração na fé tão verdadeira,
Ao invocar teu Santo amor, com humildade,
Ante a Tua imagem que trago à cabeceira?...

O que me dás Senhor, por graça e por conforto?
Um milagre talvez, pequeno que me deres,
Agora que abracei o derradeiro porto?...

E ouço a voz de Deus, como a ouvir a do Profeta:
“– És ingrato Comigo! Que mais ainda queres?
Já te fiz sonhador, fazendo-te poeta”...

**Jornalista, Escritor. Membro co-fundador da ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS, do Movimento Poético Nacional e da União Brasileira de Trovadores. Autor do livro de poesias Orvalho de Luz.*

ANO NOVO

CAROLINA RAMOS*

linacaroramos@gmail.com

Os sinos sacodem a noite silente!
Apitos, sirenes, febris, a anunciar
que parte o Ano Velho, tristonho e doente,
e nova esperança começa a brilhar!

Em meio à alegria, que explode em espuma,
transborda de taças e rola no chão,
rasteja a tristeza, fiapos de bruma,
estranha entre risos confete e rojão!

É a mesma tristeza que rima com prece
e aquele que a sente é incapaz de a entender!
Tristeza que às vezes, receio parece,
receio de tudo que é inútil prever...

Mas, pulsam ao peito, no fundo... bem fundo,
reservas de Amor, de Fé e Confiança
- um eco escapado aos gemidos do mundo –
e mesmo sofrida... renasce a Esperança!!!

**Sobre a autora, ver pg. 9.*

FELIZ ÂNIMO NOVO!

J. B. OLIVEIRA *
jboliveira@jbo.com.br

“Um ano termina e nasce outra vez”, canta Simone, lembrando-nos de que a vida é uma marcha ininterrupta. Mais do que isso, é luta, como poetizava Gonçalves Dias: **“Viver é lutar. A vida é duro combate, que os fracos abate, os bravos, os fortes, só pode exaltar”!**

Vencida a árdua etapa de 2011, disponhamo-nos a iniciar a nova caminhada, agora pelos 366 dias do ano prestes a nascer! E que o façamos com a certeza de que não estamos sós: **“Eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos”!**

**Sobre o autor, ver pg. 9.*

EDUCAÇÃO

O PROCESSO EDUCACIONAL E SEU INÍCIO

CARLOS ROLIM AFFONSO*
profrolim@globocom

Na leitura dos últimos escritos sobre o tema “Educação”, percebe-se o quanto estamos, de um lado, desatualizados e, de outro, confusos com a quantidade e a qualidade de técnicas e de métodos que abordam o processo Ensino/Aprendizagem. E isso ocorre nos quatro níveis educacionais brasileiros: fundamental, médio, superior e pós – graduação.

Embora todos esses níveis devam merecer nossa atenção, buscaremos abordar, nesta breve reflexão, apenas o nível pré-fundamental e, ainda assim, de seu início até quando as conexões cerebrais das crianças (de 1 a 5 anos) se encontram sedentas de serem provocadas, alimentadas e desenvolvidas. Entendemos o quão difícil é para os pais e mães de hoje encontrarem tempo para gastar com seus filhos, nesse processo educacional, nem tanto por desconhecimento, mas pelos afazeres que o mundo contemporâneo globalizado, consumista, hedonista materialista, passa a exigir.

Por oportuno, citamos um dos pensamentos de madre Tereza de Calcutá (1910- 1997): “Acredito que o mundo hoje está de ponta cabeça e sofre muito porque existe tão pouco amor no lar e na vida familiar. Não temos tempo para nossas crianças, não temos tempo para apreciarmos uns aos outros.”

A preocupação pela educação infantil é, de longe, um dos principais desafios de pais, professores e da sociedade em geral, levando-se em conta ser essa uma fase importantíssima da vida, a chamada IDADE DE OURO (de 0 a 6 anos). Nessa faixa etária, por meio de um trabalho articulado entre família-criança- escola e com a utilização de uma metodologia adequada, com ênfase no desenvolvimento e na estimulação infantil, torna-se possível fazer com que as crianças comecem, em tempo oportuno, a saber pensar, abstrair conceitos, fazer associações, ter criatividade e aprendizagem que abrange vários aspectos de uma vida humana plena de conhecimentos e virtudes. E, por consequência, adquirem as condições para ingressar, com a maturidade necessária, na escola fundamental, seja ela pública ou privada. É claro que para obtenção desses resultados é necessário investimentos em diversas áreas, tais como: formação de professores especialistas em educação infantil, material pedagógico pertinente, instalações adequadas, maior envolvimento dos pais e recursos financeiros (no Brasil investe-se muito pouco em Educação, ou seja, apenas um terço do que os países mais desenvolvidos).

Existe em São Paulo uma instituição de ensino, aonde a estimulação infantil vem sendo utilizada com resultados surpreendentes. Desde 1998, nas cercanias dos bairros paulistanos Boa Vista e Brooklin, por onde já passaram

mais de 800 crianças, o trinômio PAIS, PROFESSORES E SOCIEDADE tem somado esforços na direção de um desenvolvimento integral da personalidade das crianças, realçando a importância do conhecimento diversificado, das virtudes humanas, da sociabilidade e da criatividade. Tudo isso, objetivando uma melhor adaptação a um mundo globalizado e em contínua transformação, tanto nos usos e costumes, como no comércio, na indústria, na tecnologia e na comunicação.

Assim, com esse tipo de formação mais humanista e tempestiva, teremos, certamente, num futuro próximo, uma juventude mais preparada e motivada para ingressar nos cursos que demandem mais e melhor escolaridade e criatividade.

**Professor, Escritor. Diretor de Biblioteca da ACL. Formado em Pedagogia, com especialização em Psicologia Aplicada ao Trabalho e inúmeros cursos de pós-graduação, dedicou sua vida profissional ao ensino e orientação educacional e profissional; ocupou cargos administrativos em várias entidades, foi diretor de Faculdades, lecionou nas áreas de Estatística, Administração, Educação Comparada e Psicologia Educacional. Autor de vários livros, entre eles: A Democratização da Cultura na Era da Telemática (2007).*

PARA UMA EDUCAÇÃO NOTA 10

MARCOS TROYJO*
marcos.troyjo@gmail.com

Tenho estudado comparativamente os sistemas de educação de países como Coreia do Sul, China, EUA, Cuba, Argentina, Rússia e Brasil. Aqui, de forma resumida, seguem algumas conclusões.

Educação hoje é retomar sua etimologia em latim. Educar (*educere*) é liderar, extrair o melhor que cada um tem dentro de si. Ensinar é conduzir alguém a que possa construir sua “sina”, seu destino. Educação é um meio para enfrentar uma época permeada por novas tecnologias; um “ar do tempo” de competição, incertezas e oportunidades.

Já venceu a validade de três velhos paradigmas:

O primeiro: Educação como ingresso seguro no mercado de trabalho. Com a desterritorialização, os “home offices” e a competição transfronteiriça, diplomas ou símbolos tradicionais não são necessariamente diferenciais.

O segundo: Educação como aprimoramento de uma carreira linear. As carreiras tornaram-se sinuosas, com superposição de profissões e disciplinas; aparecimento e desaparecimento de profissões. Processos rotinizáveis são “desumanizados” e substituídos por software. Diminuem tarefas cada vez mais monótonas. A previsibilidade dá lugar à criatividade.

O terceiro: Educação como certeza de desenvolvimento de uma nação. Argentina, que começou o século 20 como uma das quatro mais elevadas rendas per capita do mundo,

EDUCAÇÃO

União Soviética e Cuba destinaram grandes orçamentos (em porcentagem de seu PIB) à Educação. Sem empreendedorismo e vasos comunicantes com empresas e o mercado, ficaram para trás na corrida pela prosperidade.

Mais do que nunca, Educação, hoje, se guia por três palavras-chave:

- Pertinência (todo o conhecimento é válido, mas há uma hierarquia baseada nas necessidades de um país ou empresas);
- Atualidade (é estonteante a velocidade com que conhecimentos emergem e outros tornam-se obsoletos), e
- Aplicabilidade (não há incompatibilidade entre teoria e prática, mas o conhecimento teórico tem de visar a uma intervenção na realidade).

Surgem, portanto, três novos paradigmas:

O primeiro: Educação é a forma de lidar com a transfiguração do mundo do trabalho, o que requer especializações do tipo “antes da curva” (que privilegia a tendência sobre a experiência; a lógica dos “*early-adopters*”, velozmente aliados a áreas de ponta.

O segundo: Educação como convite à “Reinvenção Serial”. Não se contentar com rotulações como “engenheiro”, “administrador”, “psicólogo”. Saber que temos constantemente de nos reinventar.

O terceiro: Educação como combustível ao empreendedorismo, seja de natureza criativa (com rupturas e inauguração de novos nichos) ou evolutiva (com aprimoramento de setores recém-criados ou já consolidados).

Para enfrentar esses novos paradigmas, os parâmetros para a sociedade brasileira são:

- Educação é uma tarefa de responsabilidade compartilhada entre indivíduo, família, empresa e governo.
- Métodos quantitativos são compulsórios mesmo para as mais abstratas ciências humanas.
- Incute desde a mais tenra idade uma forma “econômica” de pensar (introjetar a relação custos-recompensas).
- Conhecimento de culturas e civilizações estrangeiras.
- Alimentar o talento naquilo que não pode ser rotinizável.
- Aprender a aprender sozinho.
- Aumentar o investimento do PIB em Educação de 5% para 10% e de 1% para 2,5% em Ciência & Tecnologia.

QUAL EDUCAÇÃO É DIFERENCIAL?

O cubano Paco, 60 anos, é motorista de uma operadora turística em Havana. Formação acadêmica? Engenharia Naval. Durante a Guerra Fria, estudou graças à cooperação educacional que a URSS prestava a Cuba. Em aulas traduzidas de um professor russo para o espanhol, aprendeu a estruturar barcos quebra-gelo. Seu livro-texto era um manual soviético dos anos 40. Paco aprendera uma tecnologia ultrapassada, sem pertinência para Cuba.

O espanhol José Alonso tem 28 anos. Cresceu na classe média de Valencia. Estudou ciência da computação. Estagiou na IBM. Teve uma pontocom que não durou muito. Fez mestrado nos EUA. Voltou à Espanha há dois anos. Está desempregado. Sua hora de programação custa no mercado espanhol US\$ 50. Possíveis empregadores recorrem a *freelancers* no Vietnã ou Paquistão por US\$ 5 a hora.

Argentina e Uruguai têm educado sua população há mais de 100 anos. Ainda assim, começaram o século XXI em pior forma do que o XX. Formaram cidadãos cultos, politicamente conscientes. E economicamente pouco competitivos.

A globalização está criando um duro desafio para a ideia de educação como panaceia aos problemas de um país. Hoje, além da pertinência e atualidade, é um certo enfoque dos conhecimentos que capacita à competitividade no século XXI: a educação para o empreendedorismo.

Não devemos entender, como se faz muito no Brasil, de que empreender é sinônimo de abrir uma franquia, ou mesmo ter seu próprio negócio. Empreendedorismo é a ação individual, com vistas à agregação de valor, que almeja quebrar a inércia de uma determinada entidade (empresa, governo ou ONG) mediante atuação essencialmente inovadora.

Como bem mostra estudos recentes de *The Economist*, a rotina é o pior inimigo da empregabilidade. Tudo o que pode ser “rotinizável” corre o risco de transformar-se em matéria-prima para algoritmos que delinham os contornos da “rotina” e a traduzem em software. E daí substituir – com vantagens – o trabalho humano. Assim, carreiras lineares do começo da vida adulta ao embranquecimento dos cabelos, dentro ou fora de uma única empresa, serão cada vez mais raras.

Este é um dilema para o Brasil. O grande empregador da economia é o governo em seus vários níveis administrativos. Combatemos o mal presente do desemprego com a hipertrofia dos quadros estatais. Com a carga tributária desproporcional às contrapartidas de serviços básicos. Com os juros mais altos do mundo. Com um influxo de IEDs que não será eterno.

Para engendrar essa nova educação para o empreendedorismo, é cada vez mais estratégica a relação umbilical escola-empresa. Esta proximidade conceitual, com a ênfase nos aspectos empreendedores, deve ser acompanhada da proximidade física, com a estruturação crescente de unidades educacionais em regiões geograficamente densas em empresas de base tecnológica, os chamados “clusters”.

É assim que agregaremos nos mais variados programas de escola secundária e universitária a técnica e visões empreendedoras que permitam a médicos, contadores, engenheiros, químicos abordar cada desafio com inovação.

**Ensaísta, sociólogo e diplomata. Membro da ACL. Formado em Ciência Política e Economia, é doutor e mestre em Sociologia das Relações Internacionais. Autor de Tecnologia & Diplomacia, Manifesto da Diplomacia Empresarial, Brasil: competitividade e mercado global, Nação-comerciante: poder & prosperidade no século XXI. Professor do IBMEC, pesquisador da Universidade Paris V-Sorbonne e Diretor do BRICLab da Columbia University.*

AS BOAS INFLUÊNCIAS...

COMO DESENVOLVER O GOSTO PELA LEITURA
E O USO CORRETO DA LÍNGUA PÁTRIA?

Dr. IVES GANDRA DA SILVA MARTINS:

Meu pai, José da Silva Martins, quando éramos, os quatro, ainda crianças (entre 6 e 10 anos), exigia que lêssemos livros diversos (literatura, moral etc.) e fizéssemos resumo dos textos lidos. Tal exigência criou o hábito de leitura nos quatro filhos, assim como o de escrever. Até hoje, os quatro (João Carlos e José Eduardo, músicos, José Paulo, empresário, e eu), escrevemos sem dificuldades e quase sem necessidade de revisão, por força das lições de meu pai, que morreu aos 102 anos, tendo começado sua carreira de escritor com 84 anos, com o livro “Sabedoria e Felicidade” prefaciado por Menotti Del Picchia. Ele estava planejando o lançamento de seu 7º livro em 10/2/2000, quando teve o acidente que o levou a morte, após 105 dias em coma. Devemos todos, à ele, o amor pela leitura, pela música, e por escrever.

Prof.^a MARIA CECÍLIA NACLÉRIO HOMEM:

Acredito que, para despertar o prazer da leitura junto aos jovens, é preciso fazer com que leiam em voz alta textos e poesias de grandes autores brasileiros e portugueses, e que também os decorem e analisem. O ouvido bem acostumado é um bom conselheiro. A maioria, que os desconhece, pode ter uma agradável surpresa. Também é importante fazer com que os jovens leiam seus próprios textos e que os mesmos sejam analisados ou comentados por um outro colega.

Meu pai era advogado e cultor da língua portuguesa. Não admitia que se falasse errado, muito menos gíria. Era à mesa que se educava, pois sempre almoçava e jantava com a família, quando nos obrigava a falar corretamente. Ele aproveitou também para tirar todo sotaque italiano que minha mãe tinha, pois seus pais eram italianos.

Tive também bons professores de português, sobretudo na FFLCH, onde estudei Letras Neolatinas. O fato de escrever também me obriga a estudar sempre. Meu lema é: “In dubio, pró dicionário e pró gramática”. Não ter preguiça de abri-los.

Jorn. ROSA MARIA CUSTODIO:

Acredito que as crianças despertam para o prazer de ler e escrever por influência dos pais e/ou professores, quando estes, além do exemplo, se mostram interessados em suas aprendizagens e desenvolvimento. O incentivo, acredito, vem sempre acompanhado de um sentimento de afeto e/ou de respeito e admiração. Mas existem exceções.

No meu caso, revisitando a memória, não encontro esta influência direta. Minha mãe gostava de ler, mas na época de minha infância, rodeada de filhos e cercada de trabalho, ela não tinha tempo para ler, nem acesso a livros e revistas. Meu pai, órfão desde pequeno, era praticamente analfabeto. Na casa da minha infância não havia livros, nem lápis de cor. A primeira escola que frequentei, aos sete anos, era informal, no salão paroquial da igreja de um vilarejo em Santa Catarina. As aulas, em classes mistas,

ficava a cargo de professoras voluntárias.

Nos primeiros anos de estudo, um caderno e um lápis era todo o meu material escolar. A professora fazia as anotações no quadro negro e nós as copiávamos. Quando nos mudamos para o Rio Grande do Sul, numa cidade pequena mas bem mais organizada e próspera, onde minha mãe nasceu, passei a estudar em grupo escolar. Além das aulas, nada recebíamos do governo. Isso no início dos anos 60, do século passado (!). Tudo muito diferente dos dias de hoje e, no entanto, nós aprendíamos a ler e escrever.

Alguns fatores contribuíram para meu interesse pelo estudo e gosto pela leitura. Primeiro, as historinhas infantis que nossa mãe nos contava, ao redor do fogão à lenha, nas noites de inverno, sob a luz da lamparina, pois onde morávamos não tinha luz elétrica. Depois, o respeito que meu pai demonstrava por quem estivesse estudando. Ele era uma pessoa bastante ativa e não gostava de ver ninguém parado. Ou se estava estudando ou se fazia algum trabalho, que ele nos arranjava. Meus irmãos e eu crescemos trabalhando e isso foi muito proveitoso, pois o ócio, quando não se tem opções de lazer e cultura, pode se transformar num grande problema. O fato é que eu tinha facilidade para aprender, mesmo naquele mundinho simplório, sem livros, sem televisão e quase sem brinquedos...

Um outro fator, quase ao acaso, foi a presença da Jurema, empregada da família de um médico, vizinhos de meus avôs maternos que moravam em Farroupilha/RS. Aos nove anos fui morar com eles, numa época em que minha mãe estava fazendo um grande esforço para retornar à sua cidade natal. Quando a família do médico viajava e Jurema não queria dormir sozinha naquela casa grande, pedia para minha avó deixar que eu lhe fizesse companhia. E lá, naquela casa bem iluminada, enquanto Jurema, silenciosa, passava a roupa da família, eu tinha acesso às revistinhas de histórias infantis de Beatriz e Berenice, filhas do médico. Foram apenas algumas vezes, pois no final daquele ano voltei a morar com minha família, em Santa Catarina. Mas, um ano depois, nós mudamos definitivamente para Farroupilha. E então, por outras vezes, fiz companhia à Jurema, enquanto lia, com muita curiosidade, as historinhas infantis - a maioria sobre príncipes e princesinhas, madrastas e madrinhas...

A experiência mais marcante, que fez a grande diferença e aliou definitivamente o prazer ao ato de ler e escrever iniciou-se aos 14 anos, quando eu já trabalhava (durante o dia - como vendedora numa butique) e estudava (à noite - numa escola para jovens e adultos). Comecei a ganhar meu dinheiro e passei a comprar as coisas mais necessárias, que a minha família não podia me dar, e ainda podia colecionar os fascículos semanais da enciclopédia Conhecer e algumas revistas para “garotas”. Foi então que iniciei correspondência com jovens da minha faixa etária que moravam em outras cidades do Brasil. Nessa troca, de cartas, postais e ideias, fui aprimorando a minha escrita. O dicionário estava sempre por perto, pois eu não admitia escrever qualquer palavra de forma incorreta. Para mim, ler e escrever sempre significaram aprender e compartilhar as coisas da vida e dos sonhos - aquilo que vivemos e aquilo que queremos alcançar e realizar.

PRECONCEITOS RENOVADOS

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS*
ARCS@gandramartins.adv.br

VOLTÁVAMOS, Francisco Rezek e eu, de uma posse acadêmica em Belo Horizonte, quando ele utilizou a expressão “fundamentalismo ateu” para referir-se ao ataque orquestrado aos valores das grandes religiões que vivemos na atualidade.

Lembro-me de conversa telefônica que tive com o meu saudoso e querido amigo Octávio Frias, quando discutíamos um editorial que estava para ser publicado, sobre Encíclica do Papa João Paulo II, do qual discordava quanto a alguns temas. Argumentei que a Encíclica era destinada aos católicos e que quem não o era, não deveria se preocupar. Com sua inteligência, perspicácia e bom senso, Frias manteve o editorial, mas acrescentou a observação de que o Papa, embora cuidando de temas universais, dirigia-se, fundamentalmente, aos que tinham a fé cristã.

Quando fui sustentar, pela CNBB, perante a Suprema Corte, a inconstitucionalidade da destruição de embriões para fins de pesquisa científica - pois são seres humanos, já que a vida começa na concepção -, antes da sustentação fui hostilizado, a pretexto de que a Igreja Católica seria contrária a Ciência e que iria falar de religião e não de Ciência e de Direito. Fui obrigado a começar a sustentação informando que a Academia de Ciências do Vaticano tinha, na ocasião, 29 Prêmios Nobel, enquanto o Brasil até hoje não tem nenhum, razão pela qual só falaria de Ciência e de Direito. Mostrei todo o apoio emprestado pela Academia às experiências com células tronco adultas, que estavam sendo bem sucedidas, enquanto havia um fracasso absoluto nas experiências com células tronco embrionárias. E, de lá para cá, o sucesso com as experiências, utilizando células tronco adultas, continua cada vez mais espetacular. Já as pesquisas com células embrionárias permanecem no seu estágio “embrionário”.

Trago estas reminiscências, de velho advogado provinciano, para demonstrar minha permanente surpresa com todos aqueles que, sem acreditarem em Deus, sentem necessidade de atacar permanentemente os que acreditam nos valores próprios das grandes religiões, que como diz Toynbee, em seu “Estudo da História”, terminaram por conformar as grandes civilizações. Por outro lado, Thomas E. Woods Jr., em seu livro “Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental” demonstra que, além dos fantásticos avanços na Ciência realizados por sacerdotes cientistas, a Igreja ofereceu ao mundo moderno o seu maior instrumento de cultura e educação, ou seja, a Universidade.

Aos que direcionam esta guerra ateia contra aqueles que vivenciam a fé cristã e cumprem seu papel, nas mais variadas atividades, buscando a construção de um mundo melhor, creio que a expressão do ex-juiz da Corte de Haia é adequada. Só não se assemelham aos “fundamentalistas” do Próximo Oriente, porque não há terroristas entre eles.

Num Estado, o respeito às crenças e aos valores de todos os seguimentos da sociedade é a prova de maturidade

democrática, como, aliás, o constituinte colocou, no artigo 3º, inciso IV, da C.F, ao proibir qualquer espécie de discriminação.

* Advogado, Professor, Jurista (Professor Emérito e Honorário, Doutor Honoris Causa, de faculdades e universidades brasileiras e estrangeiras). Membro de 26 Academias, entre elas, a ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS, onde é Conselheiro. Também é membro do Movimento Poético Nacional. Escritor e poeta (escreveu, individualmente, 79 livros, e mais 227 em coautoria).

FABRICANTES DE DESERTOS

JOSÉ RENATO NALINI*
jrenatonalini@uol.com.br

A LÁSTIMA da revogação do Código Florestal é um sintoma da enfermidade que acometeu o mundo. A cupidez fez o homem se esquecer de que sem uma relação saudável com a natureza, ele rompe as quatro esferas de relacionamento que permitem a vida equilibrada. Ele precisa estar bem consigo mesmo, com o próximo, com a natureza e com Deus, ou o que ele coloque no lugar da divindade. Alain de Boton, o evangelista ateu quer construir um templo em Paris, devotado ao nada. E tem adeptos! Sinais do Apocalipse? Falando em Apocalipse, os Evangelhos muitas vezes nos comparam a árvores. Se Jesus é a videira, nós somos os ramos. Sem água não haverá seiva e tudo morrerá. Mas depois de dois mil anos de Cristianismo, não aprendemos a extrair das Sagradas Escrituras a sua sapiência. Não é por falta de apelos. Em Jeremias, 17.7,8, vemos que o homem que confia no Senhor será como a árvore plantada junto às águas, que estende suas raízes para o ribeiro e não receia o calor. Sua folha fica verde e na seca, não se afadiga.

A árvore ganha nome em outros textos: amendoeira (Nm, 17.8 e Ec.12.5), Acácia (Ex. 36.20), Aloés (Sl 45.8), Amoreira (2Sm 5.23), Carvalho (IRs 13,24), Cedro do Líbano (Is 40.6), Cipreste (Is 44.14), Figueira (Jz 9.20), Macieira (Ct.2.3), Murta (Is 41.9), Oliveira (Sl 58.8), Olmeiro (Dt 34.3), Palmeira (Dt.34.3), Romeira (1Sm 14.2), Salgueiro (Lv 23.4), Sicômoro (1Rs 10.27), Terebinto (Is 6.13) e Zimbro (1Rs, 19.4).

Tive a ventura de conhecer o Horto das Oliveiras, em Jerusalém, onde ainda se encontram os troncos daquelas árvores que viram Jesus orar, transpirar e chorar. Quando a humanidade não as destrói, elas permanecem. São testemunhas da História e da maldade que esta espécie, a única a se autodenominar “racional”, pode perpetrar. Qual a glória em destruir a vegetação, cuja perenidade permite a existência da vida? Esta aventura que, para nós, se resume – quando muito – a algumas décadas. E nada mais! Triste homem o que prefere ser um fabricante de desertos a ser um guardião da vida!

* Advogado, Professor, Jurista. Diretor de Patrimônio da ACL, ex-presidente da Academia Paulista de Letras. Corregedor Geral da Justiça do Estado de São Paulo, biênio 2012/2013. Autor de dezenas de livros, entre eles, A Ética da Magistratura, A Rebelião da Toga, Ética Ambiental, e Reflexões Jurídico Filosóficas sobre a morte/Pronto para partir?.

REGISTROS

MARIE BARBE VAN
LANGENDONCKHELIO BEGLIOMINI*
heomini.ops@terra.com.br

MARIE BARBE Antoinette Rutgeerts van Langendonck, nasceu em Antuérpia, Bélgica, aos sete de outubro de 1798, contemporânea à primeira República Francesa. Era filha de Carolus Rutgeerts e de Maria Filomena Josefina de Lineé Rutgeerts. Marie Barbe casou-se na mesma cidade, em 18 de abril de 1827, com o militar Jean Remi Felicien Philippe van Langendonck que provinha de uma das sete famílias mais antigas da Bélgica.

Em meados do século XIX (1857), já sexagenária e viúva, empreendeu viagem ao Brasil com seus filhos Leon e Adolphe, para verificar a possibilidade de organização de uma colônia de compatriotas.

A travessia do Atlântico durou dois meses e dez dias (de 30/4/1857 a 9/7/1857), desembarcando na cidade do Rio Grande, então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A corajosa e dedicada pioneira renunciou a vida confortável e suntuosa dos salões europeus, trocando-a pelo labor duríssimo da colonização sul-americana. São essas suas palavras quando da sua vinda às nossas plagas: *“Tenho para mim mesma que ao decidir emigrar para o Brasil, as combinações de interesses materiais eram somente pretexto para ceder à atração do desconhecido, pois, ao invés de ter as vistas voltadas, principalmente, para quanto íamos a fazer, cuidei mais do que íamos a ver.”*

Ao dissuadi-la de embrenhar-se ao sertão, ela assim se expressou: *“Palavras perdidas. Desde a idade em que comecei a raciocinar, a expressão floresta virgem havia dado curso à minha imaginação e, despertado em mim, o violento desejo de ver uma.”*

Sua sensibilidade pela nossa natureza extravazou sentimentos singelos da alma humana: *“Vi-me, enfim, em plena mata virgem. As árvores, os enormes cipós, a vegetação intensa, os pássaros de esplêndida plumagem, tudo me era novo, tudo me maravilhava. Em meio a essa jovem, grande, bela e vigorosa natureza, o reconhecimento e o amor para com o Autor de tais maravilhas me invadiram e avassalaram a alma. Jamais senti a presença de Deus como nesse instante e jamais pensamentos melhores me purificaram o coração.”*

Marie Barbe era peremptoriamente antiescravagista. Após dois anos no Brasil decidiu voltar à Europa. Conheceu no Rio de Janeiro o cônsul geral da França, Teodoro Taunay, por intermédio de quem teve interessante entrevista com Dom Pedro II, saindo com bela imagem e conceito do imperador.

Três anos após sua partida para a Bélgica, voltou à pátria brasileira, definitivamente, em 1863. Seu retorno inspirou-lhe um belo e comovente poema intitulado *“Le Retour”*.

Escritora com grande capacidade de observação, consignou sua primeira experiência no Brasil com sua gente, na obra *Une Colonie au Brésil* editada na Antuérpia, em 1862.

As palavras de Tácito van Langendonck, seu bisneto e meu antecessor, dispensam comentários: *“Marie Barbe não se limitou a tênues citações da divindade, mas, fiel ao seu sentimento e à sua formação religiosa, entregou-se plenamente, a estas influências benfazejas, compondo os poemas com inspiração cristã, poemas que nos tocam a alma de crente e nos embalam com doçura, suavidade e elevação dos seus versos.”*

Marie Barbe foi também uma poetisa de indiscutível mérito. Faleceu em Arroio Grande, Serra dos Tapes, município de Pelotas no Rio Grande do Sul, em 6 de junho de 1875, aos 76 anos.

**Médico e escritor. 1º Tesoureiro da ACL, Academia Paulista de Medicina, Academia Brasileira de Médicos Escritores. Autor de trabalhos científicos publicados em revistas especializadas; editor de informativos e revistas; autor de dezenas de livros, entre eles: Academia Cristã de Letras – Tributo aos Quarenta Anos de História, 2007; Dissecando a Vida, 2008; Imortais da Abrames, 2010; Rotarismo – Fundamentos ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária, 2011.*

O QUE É UMA MULHER?

ROSA MARIA CUSTODIO

rmc@carregosa.com.br

Um dia menina, da flor um botão.
Na vida se abrindo, o tempo sem pressa,
O mundo é um sonho, uma doce ilusão.
A vida passando, uma nova estação,
Anseio? Miragem? Alucinação?
Menina-moça, moça-mulher!
Formosa e faceira, o mundo a seus pés!
A vida passando, a vida sorrindo,
Uma nova vida surgindo, na nova mulher.
Mulher-mãe, mulher-madura,
Servindo com alma, doando com sangue,
Mulher-mulher, em vários papéis.
Concebendo e sorrindo, servindo e parindo.
Sofrendo. Amando. Assumindo.
O fardo aumentando, o mundo nas costas!
Os filhos crescendo, a vida seguindo.

Do espaço privado, rompendo limites:
Preconceitos! Diferenças! Barreiras!
Afinal, o que é uma mulher?
Uma flor? Um espinho?
Ou o meio do caminho?
Filha, irmã, amiga. Mãe e companheira.
Mulher inteira, sem rótulos.
Alguém para amar, compartilhar,
Ajudar na conservação da vida,
Na construção do sonho e da realidade,
Além, muito além, dos limites do lar!

REGISTROS

“MARIA DA PENHA” E AS MULHERES

FRANCES DE AZEVEDO*
franceazevedo@ig.com.br

PERGUNTO-ME qual a razão de tantas e absurdas controvérsias sobre a Lei Maria da Penha?! Será, tão somente, uma questão semântica, de pura interpretação, ou vai aí uma questão machista, tanto masculina quanto feminina, de ordem cultural?!

Sabe-se que a lei veio para coibir a violência doméstica contra a mulher, qual seja, a praticada no recesso do lar. Por que uma lei tão específica?!

Ora, historicamente tem-se que a mulher sempre foi discriminada, tanto pela sociedade como pela legislação. A subserviência da mulher era pública e notória. Era a subordinação do feminino ao masculino. Do pai passava para o marido. Assim era. E pronto. A mulher era considerada e tratada como inferior. A ela cumpria obedecer. Acatar ordens. O marido tinha o poder sobre a mulher, intervindo, inclusive, em questões particulares como seu modo de se vestir, se portar em público, seus hábitos e gostos pessoais. E de, até, castigá-la fisicamente caso desobedecesse a suas ordens!

O Código Civil de 1916 minimizou algumas situações. Como se sabe, ainda optou por manter a mulher em situação inferior no casamento, assim como o de considerá-la incapaz! Bem depois, veio o Estatuto da Mulher Casada, em 27 de Agosto de 1962 (Lei 4.121) atenuando o rigor do Diploma Civil, como por exemplo, o de a mulher não se submeter à decisão marital para os casos domésticos, o de poder aceitar mandato sem a permissão dele, etc. Sem mencionar outros que lhe deram poderes: como o de seu patrimônio não responder a dívidas assinadas pelo marido.

Com a Lei do divórcio (6.515/77) a mulher teve a opção de continuar ou não com o nome do marido. Tais avanços tiveram seu ápice com o advento da Constituição de 1988, onde, finalmente, veio a IGUALDADE entre a mulher e o homem! Incondicionalmente!

MAS... Eis que, a **Lei Maria da Penha (11.340, 07/08/2006)** veio regulamentar, nortear, dar maior efetividade ao parágrafo 8º, do Artigo 226, da C.F. Reza tal dispositivo que: “*O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações*”

Tantos quantos militam no direito, bem sabem que, para a preservação do Estado de Direito, necessário é o respeito às leis que, obviamente, emanam da Lei Maior. Assim, a norma infraconstitucional, dela oriunda, há de ser cumprida, respeitada.

Ora, a lei Maria da Penha veio para regular, complementar, atender ao supra referido parágrafo 8º, do Artigo 226 da C.F., assim como o ECA, a Lei do Idoso, entre outras normas reguladoras. Não se tem notícia de tantas discussões, obstáculos, entraves para o cumprimento destas. Por que, então, para com a Lei Maria da Penha?!

Parece um ranço do passado que persiste, insiste em querer voltar às origens. Há um inconformismo, mormente pela ala masculina, de magistrados, delegados, policiais

em não querer ouvir, aceitar, tratar com dignidade e legalidade os casos de violência contra a mulher. Casos de toda ordem, os mais disparatados têm-se ouvido. Desde a declaração de inconstitucionalidade da lei até o de risos, pouco caso no trato dessas infelizes mulheres que, já envergonhadas por exporem suas mazelas, físicas e morais, ainda são obrigadas a comparecerem à Delegacia e relatarem sua situação.

Há que se dar um basta, nesta infâmia, nesta vilania! Como não atentar para o fato de que a cada 15 segundos - QUINZE SEGUNDOS - uma MULHER é espancada. ESPANCADA?! Como não atentar para o fato de que vários casos relatados com antecedência à autoridade policial, de alerta para provável assassinato, foram, depois, consumados, diante do descaso aviltante?!

Aonde tudo isso levará a nós MULHERES?! Qual a razão real para tanta discussão?! Como interpretar a Lei Maria da Penha, senão a favor da própria mulher ofendida, maltratada, injuriada, machucada física e, principalmente, moralmente, onde suas feridas internas, invisíveis ali estarão *ad aeternum*?!

Quando se coloca a discussão do *âmbito familiar*, não há que se ficar em discussões estéreis do que seja esta ou não!

A interpretação é a única possível. Uma só! Conclusiva! E todos sabem disso: é aquela que diz respeito à agressão sofrida por essa mulher, quer em casa ou fora de casa, oriunda da afetividade que tenha com o agressor, não sendo, necessariamente, de ordem sexual, pois que pode advir do pai, irmão, tio, primo (de um familiar).

Sabe-se quão tênue é a linha dos sentimentos afetivos e o poder de persuasão do agressor, físico, principalmente, exercendo pressão sobre a mulher. Esta, de uma forma ou de outra, fica submissa à situação, por amor a ele, aos filhos, à dependência econômica, psíquica, medo de ser morta. Os motivos, os mais variados, não importam. O que importa é ela ser alertada, orientada de que deve denunciar o agressor; ser orientada que será auxiliada, amparada. Que a **lei Maria da Penha** veio para dar o cabal respaldo a esta mulher, *doa a quem doer*. Que os princípios constitucionais da igualdade de direitos e obrigações para homens e mulheres hão de ser seguidos, obedecidos, sob pena de abalar o estado democrático de direito.

*Advogada, Escritora. Secretária Geral da ACADEMIA CRISTÃ DE LETRAS. Membro do MMDC/SP/Capital; do Movimento Poético Nacional; da Comissão de Estudos Sobre A Lei de Imprensa da OAB/SP.; da ONE - Ordem Nacional de Escritores; da Associação Portuguesa dos Poetas; Autora dos livros: Poesia sobretudo (10/2002); Além da imaginação: poesias (2004); Alguns pensamentos poéticos (2006); Apenas mais alguns versos, trovas e outras palavras (2007); Versos, mais versos e... (2008); Poemas Paulistas (2011); O Quinto Uni...Verso (2011).

LIVROS

MILAGRE E MISTÉRIO

PAULO NATHANAEL PEREIRA DE SOUZA*
reitoria@sciesp.com.br

Na origem de todos os conhecimentos desenvolvidos pelo homem, científicos, filosóficos ou religiosos, nos milhões de anos em que habita este planeta, encontra-se a necessidade de decifrar o mistério e o milagre que cercam tanto a vida, quanto a morte. Prova disso são as mitologias nascidas todas da impossibilidade de explicações claras para essas questões. A fórmula, por assim dizer einesteiniana para equacionar esse esforço, simples na apresentação, complexa na demonstração, poderia ser traduzida pelo binômio mistério e milagre, porque o que não for um, será o outro, quando não, os dois ao mesmo tempo. E apesar dos esforços despendidos e dos poucos avanços obtidos ao longo dos séculos, a cortina de névoa, que sempre recobriu e continua a recobrir os fenômenos da vida e da morte, se adensa cada vez mais, para a frustração dos que dedicam seus talentos na busca de luzes capazes de focar e explicar a fórmula, que contém os dois universos básicos do nosso destino. São eles eternamente condicionados, de um lado pelo mistério e de outro, pelo milagre. Este encerra, no enigma, a natureza da vida e a indecifrábilidade da morte. O mistério sugere a efetividade da vida e a inexorabilidade do fim, duas realidades de que se compõe a tessitura essencial da nossa natureza.

É exatamente disso tudo que cuida a mais recente obra da lavra de Renato Nalini intitulada: “*Reflexões Jurídico Filosóficas sobre a morte/Pronto para partir?*” Qual a tese central do livro? Exatamente esta: **a impenetrabilidade do saber humano no conceito de morte, a superficialidade dos aforismos filosóficos, científicos e religiosos, que o homem tem formulado sobre ela, e o pânico que essa invencível ignorância causa a muitos dos que vivem e, um dia, deverão morrer.** Sabe-se o que se come, sabe-se o que se bebe, o que faz bem ou mal à saúde, quais os limites de qualquer tipo de esforço, segundo a capacidade de cada um, mas nada se sabe de racional e objetivo sobre os mecanismos básicos e a razão de ser, seja da vida, seja da morte. É ver os textos, engenhosos uns, poéticos outros, com que pensadores, escritores, pesquisadores, teólogos e sábios de todos os matizes têm abordado o milagre da vida e o mistério da morte.

A erudição do Autor a propósito dessa cara e dessa coroa existenciais é admirável, e revela exaustivas e polimórficas reflexões sobre a matéria. Não se iluda o leitor com a hipótese de decifrar o incógnito de tanatos, com a leitura dessas páginas repletas de fascinante saber. Basta ler o livro com a mesma intenção, que inspirou quem o escreveu, e com ele percorrer os páramos, que se interpõem entre a vida e a morte, não para entendê-las, e sim, para melhor aceitá-las, como inevitabilidades que são.

Parabéns ao Renato Nalini, pela coragem e a maestria com que navegou nas páginas de seu livro, como se o

fizesse por esses mares escuros e impenetráveis, que banham o reino das Parcas. Termina com esta sua frase, que veio para ficar: “*Só consegue morrer em paz quem está em paz com a própria vida*”.

*Educador e Escritor. Presidente Emérito e Vice-Presidente da ACL, Presidente da Academia Paulista de Educação, membro da Academia Paulista de Letras, Academia Brasileira de Filosofia. Autor de vários livros, entre eles: Irene no céu - um exemplo de mulher, Educação e Desenvolvimento no Brasil, Caminhos e Descaminhos da Educação Brasileira.

BOAS DICAS PARA BOAS FALAS*

HELIO BEGLIOMINI
heomini.ops@terra.com.br

Boas Dicas para Boas Falas, lançada recentemente, é obra do acadêmico João Batista Oliveira que proporciona reflexões sobre os principais quesitos para uma boa locução.

O livro se desenvolve através de uma linguagem objetiva, leve, cativante, didática e persuasiva, proporcionando – passo a passo – informações consistentes da retórica.

O autor que é advogado, conferencista, professor e exímio comunicador tem predicados sobejos para discorrer com autoridade sobre suas premissas, proporcionando sólida sustentação aos seus argumentos. Ademais, a obra é recheada com exemplos reais e hilares que tornam prática sua teoria.

Quem não gostaria de falar bem... com conteúdo... concisão... objetividade?! Ser ouvido... admirado... ovacionado... enfim, bem empolgar meros circunstantes ou uma seleta plateia?!

Não há dúvida de que falar bem é uma arte, assim como são a literatura, escultura, pintura, música, fotografia, encenação dentre outras de suas expressões. Quaisquer que elas sejam, há de se ter um pouco de talento; algo de inspiração e, sobretudo, muita transpiração, pois, assim como nenhum escultor extrai uma imagem de um rude bloco de mármore ou de uma tosca madeira sem esses predicados, não haverá elegantes e belas apresentações através da fala sem um devido preparo e um abnegado treino. Isso também o autor subentende em suas páginas, pois, o que ele propõe não é “ensinar a falar”, que demoraria muito tempo (!), mas sim, quais são as condições basilares *sine quibus non* que cada qual deve ter se quiser ser atraente, agradável, comunicativo e consistente em sua explanação.

Ler **Boas Dicas para Boas Falas** do estimado amigo, escritor e intelectual J. B. Oliveira, conhecendo-o na prática da arte da oratória, é um privilégio ainda maior. Com seu timbre inconfundível de voz gutural, sua dicção esmerada, sua precisa impostação de voz dentre tantos outros belos predicados que sobejamente Deus lhe concedeu... lê-lo é o mesmo que vê-lo e escutá-lo ao vivo e em cores.

A leitura de **Boas Dicas para Boas Falas** é essencial para todos aqueles que desejarem se desenvolver na arte de bem falar e de bem se comunicar.

*Lyon's Editora. São Paulo, 2011, 122 páginas.

LIVROS

DOM ANTONIO MARIA MUCCILO

- UMA VIDA DEDICADA À DEUS E AO PRÓXIMO

ROSA MARIA CUSTODIO*
rmc@carregosa.com.br

LEMBRANÇAS DA MINHA VIDA, lançado em dezembro de 2011, é a autobiografia de Dom Antonio Maria Mucciolo, Arcebispo Emérito de Botucatu, ilustre membro da Academia Cristã de Letras e Presidente do Conselho Superior do INBRAC (Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã). Em seu livro, ele agradece a Deus por ter atingido os 88 anos de vida com muita saúde e disposição para continuar sua missão neste mundo.

Dom Antonio nasceu no dia 1º de maio de 1923 em Castel São Lourenço, uma pequena cidade do sul da Itália. Veio para o Brasil ainda bebê, junto com seus pais e avós. A família se estabeleceu em São Paulo, mas alguns anos depois se mudou para Sorocaba. Ele descreve sua mãe como uma pessoa maravilhosa e destaca suas inúmeras qualidades: “piedosa, meiga, dedicada integralmente aos filhos e ao marido, colaborava com papai no suprimento das necessidades da família, com sua máquina de costura”. Seu pai, “austero e meigo”, trabalhava como alfaiate, dando sempre o bom exemplo e cuidando da educação dos filhos. No Brasil nasceram seus seis irmãos: Carmelina, João, Mafalda, Alberto, Luiz e Mario. Sua família, muito unida, sempre foi motivo de grande alegria em sua vida.

A vocação sacerdotal manifestou-se na adolescência. Atuando como coroinha na Catedral de Sorocaba, recebeu de Padre André Pieroni Sobrinho (nascido na Itália) o incentivo para seguir a vida religiosa. Padre Pierone foi seu professor no Seminário São Carlos Borromeu e depois o encaminhou para o Seminário São José, de Botucatu, com a ajuda de Dom José Carlos de Aguirre. Foram muitos anos de estudos, inclusive na cidade de São Paulo (Seminário Central do Ipiranga), até ordenar-se sacerdote, em 1949. Com muita fé, devotou sua vida a Deus e ao próximo, seguindo sempre o conselho de sua mãe: “Respeita tua batina”.

Na realização das boas obras, foram muitas as atribuições do sacerdote que ascendeu a Reitor de Seminário, Bispo de Barretos, Arcebispo Metropolitano. Na cidade de Barretos, fundou um dos maiores Centros

de Espiritualidade do mundo: “CIDADE DE MARIA”, que sedia as seguintes Instituições Religiosas: Irmãs Missionárias da Ação Paroquial, Pequenas Missionárias Eucarísticas, Dominicanas de São José da Suíça, Irmãs Servas de Santa Teresa do Menino Jesus, Seminário Paulo VI, Padres do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos), Oblatos de Cristo Sacerdote e Casa de Encontros (Betânia).

Dom Antonio Maria Mucciolo, também fundou a REDE VIDA de Televisão – uma das maiores redes de televisão católica do mundo - na cidade de Barretos, juntamente com o Jornalista João Monteiro de Barros Filho (Comendador do Vaticano e Acadêmico da ACL). Em seu livro, ele nos explica como isso aconteceu e acrescenta que a parceria com João Monteiro é também sinônimo de amizade e fé compartilhada.

Quando o jornalista ganhou a concessão do canal de televisão, procurou Dom Antonio para reunir esforços e realizar a grande obra - concretizada em 1995. Nesse meio tempo, buscaram outras parcerias e subsídios. Também viajaram para a Europa, visitaram o Santuário de Fátima e consagraram a televisão católica brasileira diante da imagem de Nossa Senhora de Fátima. Fizeram o mesmo no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil. E assim realizaram o ambicioso projeto: REDE VIDA, o canal da família e da espiritualidade.

O leitor de LEMBRANÇAS DA MINHA VIDA acompanha, página por página, os episódios mais importantes registrados pelo autor, assim como toma conhecimento das pessoas que receberam a graça de compartilhar de sua vida e participar na realização de suas boas obras. Suas evocações são sempre impregnadas de sentimentos de benevolência e generosidade. A meiguice, herdada de seus pais, é um dos traços marcantes da personalidade de Dom Mucciolo. Quem tem o privilégio de conhecê-lo pessoalmente percebe o alto grau de simplicidade e bondade que emana de sua pessoa. E assim é o seu livro.

Com suas lembranças, Dom Antonio Maria Mucciolo nos envolve numa atmosfera de puro encantamento. Compreendemos, com o coração, o poder da fé: a vida adquire uma dimensão bem maior. Vislumbramos, então, o estado de transcendência - quando nosso corpo físico entra em sintonia com o espiritual e os sentimentos de paz e felicidade vicejam em nós - Deus está presente em nossas vidas.

*Jornalista, Escritora. Diretora de Publicação e Divulgação da ACL; membro da Academia Linense de Letras, da Associação Paulista de Imprensa, Movimento Poético Nacional, BIOgraph - Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Movimento Mulheres da Verdade. Autora dos livros: O prazer além da escrita... e O inventário de Lides.

AGENDA

ÚLTIMAS PUBLICAÇÕES DE ACADÊMICOS DA ACL

Dr. Zerbini
- O médico e o mito
Yvonne Capuano

Higienópolis - Grandeza de um bairro paulistano
Maria Cecília N. Homem

O Inventário de Lides
Rosa Maria Custodio

O QUINTO UNI...VERSO
Frances de Azevedo

Caminhos e Descaminhos da Educação no Brasil
Paulo Nathanael P. de Souza

Destino
Carolina Ramos

Orvalho de Luz
Antônio Lafayette

Lembranças da minha vida
Dom Antonio M. Mucciolo

Reflexões Jurídico-Filosóficas sobre a Morte - Pronto para partir?
José Renato Nalini

Repensando o Brasil: Ética para todos
Ruy M. Altenfelder Silva

Santo Antonio - O Evangelizador
Luiz Gonzaga Bertelli

NOTAS:
*O Acadêmico Ozires Silva participou do lançamento de sua Biografia: **Ozires Silva - um líder da inovação**, de Décio Fichetti.
*O Acadêmico Ives Gandra da Silva Martins lançou o CD **"Para Ruth"** (poemas dedicados à sua esposa, musicados por Eduardo Santhana).

CONFRATERNIZAÇÃO DAS ACADEMIAS
21/12/2011

Quatro Séculos de Itu - Fatos e Personalidades
Roberto Machado Carvalho

Rotarismo - Fund. Ilustrados de uma Magnífica Instituição Centenária
Hélio Begliomini

Boas Dicas para Boas Falas
J. B. Oliveira



CONVITE:
Com o objetivo de incentivar a integração e o diálogo entre os ACADÊMICOS DA ACL, a responsável pela produção desse Jornal convida os distintos autores a comentarem as obras de seus colegas, visando publicação nas próximas edições. (Textos de 2.000 ou 3.100 ou 4.200 caracteres - com espaços)

Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras, é homenageado no almoço de Confraternização das Academias (SP), após ministrar palestra sobre seu novo livro *História da Educação Brasileira*.
Fotos: CIEE/Divulgação